



GEOGRAFIA E LITERATURA: UM DEBATE SOBRE NARRATIVA, CIDADE E MULHERES NEGRAS.

Monique Bonifácio Barrozo ¹

RESUMO

Compreendendo as complexidades nos quais se estruturam as relações sociais e raciais nos espaços urbanos, propomos uma releitura de cidade a partir da literatura feminina negra brasileira. Buscando uma confluência entre a geografia e a literatura a fim de visibilizar as experiências de mulheres negras na cidade, baseando-nos na obra literária *Becos da Memória*, da escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito. Nos debruçamos a investigar sobre a narrativa enquanto discurso na geografia e na literatura, de maneira que nos auxilie uma outra possibilidade de reflexão sobre representação, memória, gênero e raça, compreendendo a cidade, a geografia e a literatura enquanto espaços de disputas e de relações de poder.

Palavras-chave: Geografia, Literatura, Narrativa, Cidade.

RESUMEN

Entendiendo las complejidades en las que se estructuran las relaciones sociales y raciales en los espacios urbanos, proponemos una reinterpretación de la ciudad a partir de la literatura femenina negra brasileña. Buscar una confluencia entre geografía y literatura para visibilizar las experiencias de las mujeres negras en la ciudad, a partir de la obra literaria *Becos da Memória*, de la escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito. Nos enfocamos en investigar la narrativa como discurso en geografía y literatura, con el fin de ayudarnos con otra posibilidad de reflexión sobre la representación, la memoria, el género y la raza, entendiendo la ciudad, la geografía y la literatura como espacios de disputas y relaciones de poder.

Palabras clave: Geografía, Literatura, Narrativa, Ciudad.

INTRODUÇÃO

Compreendendo que o espaço é engendrado pelas relações sociais a partir de diferentes relações de poder, o presente trabalho² propõe uma releitura da cidade a partir da literatura feminina negra brasileira. Tendo como base a produção literária de Maria da Conceição Evaristo de Brito, com o livro *Becos da Memória*. A escolha por esta autora se faz no sentido de nos apresentar uma leitura da cidade no qual é narrado um

¹ Mestranda do Curso de **Pós-Graduação em Geografia** da Universidade Federal Fluminense - UFF, moniquebonifacio@id.uff.br.

² Projeto de Pesquisa em nível de Mestrado financiado pela CAPES.



processo de desfavelamento. Podemos aqui observar e analisar que este processo ocorre em periferias brasileiras a partir de projetos de higienização e branqueamento/modernidade dos espaços da cidade e atingem de forma negativa direta ao grupo que habita esses espaços, pobres e negros em sua maioria.

Tomando como ponto de análise a narrativa produzida pela autora, observamos uma relação direta de pertencimento com o espaço vivido pelos seus personagens que se desdobram em significativas e particulares experiências individuais e coletivas. Investigar a representação de cidade presente na sua obra é o ponto de partida desta análise.

Investigando o que esta produção literária escolhida quer nos dizer, enquanto lócus de enunciação, enquanto produtora do lugar da descrição, da representação, e da percepção, sobre os elementos de organização do espaço e ordenadores da paisagem urbana.

Podemos encontrar em seus escritos, elementos que devem ser compreendidos e debatidos na geografia. Se nos é dada a ideia de que o espaço é complexo e constituído de processos simultâneos, é de bom grado buscar novas possibilidades e perspectivas de compreensão desse espaço. Porque é na geografia que podemos encontrar possibilidades de romper com invisibilidades do processo de formação e construção das sociedades, da população, do conhecimento e do matriarcado na construção e nas organizações do espaço propriamente dito. Vemos assim, a importância da presença feminina na pesquisa/atuação em geografia para buscar novas formas do pensar e fazer geografia.

Compreendemos a cidade e a literatura enquanto arena de disputas, encontrando na literatura feminina negra brasileira, instrumentos e possibilidades de reposicionar o nosso olhar na configuração social da relação das representações e experiências das mulheres negras com a cidade, tensionando a visão hegemônica de cidade. Cidade que tem sido representada, narrada, através de projetos de cidade, na geografia, na literatura e na sociedade.

METODOLOGIA

Por ser produto de inter-relações e suas multiplicidades, para Massey (2013), o espaço está em constante construção, o que o faz aberto a novas interpretações, relações e práticas, ou seja, a outras experiências políticas e organizacionais.



Neste sentido, a metodologia desenvolvida tem como base a análise de narrativa, análise do discurso, entendendo o discurso e a narrativa como disputa, o que, e, pelo que se disputa.

Partindo da literatura presente em Evaristo que nos apresenta um narrar muito específico da cidade, tornando esta produção literária uma agência negra como elemento de superação do racismo. Onde dentro do projeto de cidade, denuncia o momento/processo de desfavelamento, apresentando as particularidades das experiências dos sujeitos deslocados, removidos.

Observamos assim que a literatura negra feminina nos possibilita tensionar e propor uma abordagem crítica do discurso de produção da cidade atrelado ao histórico de construção das cidades brasileiras, que ao longo do tempo condenou à margem a ancestralidade, memória, corporeidade e quaisquer formas de produção de conhecimento negras.

Nossa análise, portanto se debruça nos conceitos e temas a cerca da representação, narrativa, corporeidade, memória e como estes elementos se apresentam tanto na literatura quanto na geografia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta era a preocupação maior de Negro Alírio. Para ele, a leitura havia concorrido para a compreensão do mundo. Ele acreditava que, quando um sujeito sabia ler o que estava escrito e o que não estava, dava um passo muito importante para sua libertação. (EVARISTO, 2017, p. 146).

Os processos de produção e de representação das cidades brasileiras, ao longo do tempo, se estruturaram através de um projeto de modernidade que acabaram reproduzindo certa exclusão e marginalização de determinados indivíduos e de determinados grupos.

O tema vem sendo desenvolvido no âmbito da geografia há um tempo, desta maneira, podemos destacar os trabalhos de pesquisadoras(es) no país inteiro, a exemplo dos trabalhos de Marandola (2006), que nos traz o debate sobre o quanto a literatura e as artes têm a contribuir no fazer geográfico debruçando-se sobre a cidade, lugares, paisagens e pessoas. Em Nascimento (2014) encontramos como suporte a questão de marcas e/ou identidade espacial de construção de narrativa de escritoras negras, no qual



ocorre um novo *processo de pertencimento calcado em elementos simbólicos e por intermédio de seus trabalhos se autorrepresentam e mostram que o espaço simbólico é concebido, sentido e vivido a partir do espaço social.* (p. 62).

Apresenta-nos Queiroz (2017) a discussão a respeito da memória, corpo e espaço, dentro da perspectiva interseccional através da trajetória e da escrevivência³ desenvolvida por Evaristo. Já em Fernandes (2017) desenvolve-se o debate a cerca da história do pensamento geográfico na obra “O triste fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto, de forma a elucidar como este trabalho abriga uma linguagem única que traduz os projetos das transformações territoriais brasileiro.

As investigações realizadas por Silva (2012) que nos apresenta um debate sobre as transformações urbanas da cidade do Rio de Janeiro através da obra “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, que é elaborado a partir do realismo literário de forma a analisar os detalhes contidos na narrativa da obra, a respeito do espaço vivido, precisão de detalhes e descrição de paisagens.

Com este breve levantamento de pesquisas sobre geografia e literatura, observamos que estas em particular de certo modo abarcam questões as étnico raciais, seja pela obra escolhida ou pelo próprio autor/narrador da obra em questão. Acreditamos ser pertinente o debate sobre a ideia/conceito de raça, pois, a ideia de “raça” ganha espaço em âmbito mundial nas articulações de fortalecimento das relações de poder do sistema capitalista moderno. Sobre o termo raça, o antropólogo Kabengele Munanga nos diz que

a identificação de raças, é na realidade, uma construção social, política e cultural produzida no interior das relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significa de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que, aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto de essas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. (MUNANGA, 2006, p.176).

Com esta leitura, podemos a priori compreender que a “raça” é uma ideia construída a fim de organizar e classificar o outro de acordo com os interesses das relações de poder, é uma construção de signos e símbolos que tem o poder de

³ Conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, ver página 09 deste trabalho.



estratificar pessoas e lugares a partir da difusão de uma ideia de superioridade e inferioridade que são vivenciadas entre as pessoas em seu cotidiano. Neste sentido, temos que *raça ainda é o termo que consegue dar a dimensão da verdadeira discriminação contra os negros, ou melhor, do que é o racismo que afeta as pessoas negras na nossa sociedade.* (GOMES, 2005, p.45)

Portanto, ao falarmos sobre raça necessariamente abordamos o racismo existente na sociedade brasileira. O termo foi fundamental para a reorganização do país no período pós abolição da escravidão com o apoio e incentivo do Estado, que não se posicionou contra o racismo nas suas políticas públicas e ideologicamente. Neste contexto, o Movimento Negro Brasileiro, quando o utiliza termo raça, *usam-no como uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo* (GOMES, 2005, p.45).

É necessário compreender o quão fundamental são as lutas e intervenções do Movimento Negro que são voltadas para a educação e para o mercado de trabalho, através de ações de políticas de resgate e valorização do negro na sociedade racista, excludente e perversa brasileira. Esses embates se tornam essenciais com a ausência e indiferença do Estado para com a comunidade negra, principalmente no pós abolição.

A falta de políticas públicas de condições básicas de vida (saúde, moradia trabalho e educação) ratifica o perfil e a estrutura social do Brasil, onde o direito se transforma em privilégios de uns sobre os outros, dificultando assim a vida da população afrodescendente em relação à população não-negra até os dias atuais.

Tendo em vista que os setores de promoção da vida e bem estar, ou seja, o Estado estruturalmente falando, não pode ser isento desta discussão, uma vez que as falhas nas ações de políticas públicas para com a população afrodescendente é um fato histórico e ainda corriqueiro na sociedade brasileira, pois

a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. (CARNEIRO, 2011, p. 1).



Esta ineficiência do Estado produziu e produz uma subordinação e uma narrativa de naturalização da subordinação. Onde no cenário atual da pandemia de Covid-19⁴, essa falta de compromisso do governo, traz a tona a real situação de vulnerabilidade na qual estão expostas as pessoas negras e pobres no país.

Neste sentido as narrativas e estereótipos construídos sobre a população negra desenvolvidos no processo de colonização e que perpetuam no projeto de colonialidade⁵/modernidade podem ser combatidas com base na lei 10.639/03⁶, tornando o ensino de história da África e dos africanos, culturas africanas e afro-brasileiras obrigatória em todo seguimento da educação básica e demais entidades da sociedade civil, com a finalidade de extinção do racismo na sociedade.

A partir da proposta transdisciplinar da lei, podemos observar que a mesma nos contempla no sentido de repensar a própria geografia e a literatura. O desenvolvimento destas duas áreas do conhecimento ao longo do tempo, também foram organizadas para manutenção de um discurso hegemônico que tende a distorcer ou distanciar-se da realidade.

Pois, durante um longo tempo a geografia contribuiu com narrativas estigmatizadas sobre determinados territórios e grupos sociais. Cabe, portanto a geografia rever a narrativa e como se apresenta, se constrói um conhecimento que fuja das estigmatizações, racismos e preconceitos.

A superação de narrativas e estereótipos é uma discussão que vem sendo pautada há um tempo também no campo literário. Pois o *domínio político e econômico também se refletia no domínio cultural, incluindo a literatura.* (CUTI, 2010, p.15). Desta forma o racismo e discriminação presentes na sociedade brasileira ao longo de muito tempo apoiaram-se nos aparatos culturais, sendo a literatura o ponto de acesso de pessoas letradas e portadoras de algum tipo de recurso que tem acesso a determinados textos, autores, livros e produções.

⁴ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Fonte: Ministério da Saúde, Governo Federal. <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> >acessado em 10/11/2021.

⁵ A Colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América. QUIJANO, Anibal, 2010, p. 84.

⁶ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.



Neste contexto podemos observar que o perfil de escritores(as) e de quem usufruiu destas produções são majoritariamente pessoas brancas, expressando em seus trabalhos um país democrático, indo de encontro as propostas e políticas de mestiçagem e do mito/ideologia da democracia racial porque naquele momento a

preocupação era conceber a nação por meio de uma fantasia de futuro. O que eles queriam para o Brasil? Um país de população totalmente branca. Por quê? A maioria desses intelectuais concordava com a ideia de superioridade congênita da chamada raça branca, tese que legitimara para a sociedade todo o processo escravista no estatuto colonial e a discriminação no pós-Abolição. (CUTI, 2010, p. 17).

Nota-se portanto que no corpo da literatura também estavam imbricadas as ideologias hegemônicas de hierarquização social através da raça, mas de forma que tratasse as questões sobre o negro apenas como tema, e não como sujeito, resquício ainda do pensamento escravocrata, pois a

discriminação se faz presente no ato da produção cultural, inclusive na produção literária. Quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos. É assim que se dá um círculo vicioso que alimenta os preconceitos já existentes. As rupturas desse círculo tem sido realizadas principalmente pelas suas próprias vítimas e por aqueles que não se negam a refletir profundamente a cerca das relações raciais no Brasil. (CUTI, 2010, p. 25).

Desta maneira, tornam-se necessários assim como em diversas áreas da vida da população negra um movimento de articulação que se preocupe também com a produção literária direta do escritor (a) negro (a). Que seja capaz de romper com a literatura canônica colonizada a parti da tomada de consciência que subsidia o pensamento e as diferentes formas de articulação necessárias diante de tantas formas de discriminação.

É, portanto que em 1978 acontece o lançamento de Cadernos Negros, que compõe uma das frentes de atuação do Movimento Negro, onde encontramos em sua estrutura autores, escritores negros e negras que escrevem também para o público negro. Mesmo diante das dificuldades de letramento desta parcela da população, já ocorre um público maior de letrados e letradas do que em décadas anteriores. Os autores desta



maneira, *passam a incluir na sua temática o protesto, desenvolvendo no texto uma consciência crítica.* (CUTI, 2010, p. 29). Ressaltamos assim que

o desenvolvimento da literatura negro-brasileira necessitou e necessita que a sua população, cuja subjetividade é o fator fundamental daquela vertente, elabore a sua ascensão social. (CUTI, 2010, p. 29).

Observamos, portanto que a transformação positiva a cerca da população negra passa necessariamente pelo acesso a escola, ambiente este no qual somos capazes de ter acesso a diferentes linguagens e formas de compreensão do mundo e da sociedade na qual vivemos. O acesso a todas as fases de alfabetização e anos completos de trajetória escolar, é fator primordial para emancipação do(a) sujeito negro (a) às formas de opressão no qual está exposto(a).

Reforçamos, portanto que o que a diferencia e o seu ponto de partida da escrita na literatura negra é o racismo, seus significados e desdobramentos, pois

Quais as experiências vividas, os sentimentos que nutrem as pessoas, que fantasias, que vivências, que reações, enfim, são experimentadas por elas diante das consequências da discriminação racial e de sua presença psíquica, o preconceito? Esse é o ponto! (CUTI, 2010, p.39).

Ao utilizarmos como base de análise produções literária de mulheres negras, trazemos a importância da narrativa, da oralidade existente nas relações sociais estabelecidas. Compreendemos assim que, a partir do processo de *reconhecer e valorizar as heranças africanas, a escrita literária é assumida e utilizada para expressar um novo modo de se conceber o mundo.* (FONSECA, 2006, p. 11).

Nesta perspectiva, também o termo ‘literatura brasileira’ não é capaz de dar suporte ao nosso debate, porque

Nessa lógica, o uso da expressão “literatura brasileira” para designar todas as formas literárias produzidas no Brasil não conseguiria responder à questão: por que grande parte dos escritores negros ou afrodescendentes não é conhecida dos leitores e os seus textos não fazem parte da rotina escolar? (FONSECA 2006, p. 12).

A partir disso observa-se então que, nos materiais didáticos de geografia e em recursos literários utilizados em sala de aula, a ideia de marcas de espaços predefinidos de existência e sobrevivência de mulheres afrodescendentes se apresenta de forma



cristalizada, ou seja, *as áreas duras da sociedade onde a cor é vista como importante na orientação das relações de poder e sociais, em algumas áreas e momentos, enquanto é considerada irrelevante em outros.* (SANSONE 1996, p. 183 in SANTOS 2012, p. 42).

Aos corpos negros é dada a ideia de lugar sem subjetividade, sem memória sem identidade, um lugar propício aos depósitos de imaginários e estereótipos negativos, advindos da herança colonial.

Sendo assim, a produção literária de Conceição Evaristo nos proporciona um olhar e uma percepção acerca da população negra brasileira e a sua relação com o espaço urbano segregado, marginalizado, excluído de forma distinta daquelas representações e narrativas relatadas/apresentadas à sociedade. Pois a partir de uma sensibilidade e delicadeza na forma de construção das narrativas que são construídas ao longo dos seus textos, trazem o leitor a uma sensação de uma nova concepção do espaço, na qual a autora se localiza, ora como narradora das situações cotidianas, ora como personagem de determinadas situações.

Isto é o que Conceição Evaristo vai definir como *escrevivência*⁷:

Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. (EVARISTO, 2017, p. 12).

A presença de herança de lutas, enfrentamentos e diferentes formas de vivência das mulheres negras que observamos estar presente no texto de Conceição Evaristo encaminha nossa leitura a repensar o posicionamento da autora (ou, antes, de um narrador ficcional) e o que ela quer transmitir em sua obra literária. Pois nenhuma produção de qualquer texto que seja é neutro. E neste sentido vemos que não há neutralidade na literatura; na geografia; nas cidades e nas representações; no currículo; nos materiais didáticos; no comportamento docente e no ambiente escolar.

Buscamos também reconhecer que nesta obra há um tom de denúncia da condição de vida dessa população. O processo de remoção, que nos conduz imediatamente à palavra deslocamento, é um processo, um projeto urbano-moderno-colonial de cidade. Nele, a afetividade é uma presença intensa e constante, e, em determinados momentos, forazmente proibida. As disputas de lugar frente ao processo

⁷ Método de escrita desenvolvido pela própria autora, como explicado na citação que se segue.



de branqueamento do território nos remetem a uma geografia urbana da perseguição, em que os desalojados, desapropriados e removidos são os negros brasileiros, onde

Passado e presente se articulam, portanto, no espaço, impondo diferentes grafias espaciais das relações raciais. Fenômenos sociais do passado imprimem marcas espaciais que se mantêm, ou constituem práticas e manifestações que permanecem no tecido social se reconstruindo. (SANTOS, 2012, p. 64).

O mapa mental desenvolvido pela personagem Maria-Nova, a jovem narradora de *Becos da Memória*, sobre os pontos onde se reuniam os homens negros trabalhadores, na barraca da favela, além dos nomes dos becos que remetem à casa de cada pessoa que ela traz a memória, as bicas, de lavagem de roupa, tudo isso são formas de ler o espaço enquanto experiência. Há uma forma singular de perceber os becos de cada um dos personagens apresentados no romance.

Esta ferramenta, tão utilizada nas aulas de geografia, muito contribui para aguçar o olhar de crianças e jovens em suas formas de observar o espaço por ele vivido e percorrido. É neste sentido que, quando temos o contato com textos literários seguindo este raciocínio, podemos utilizá-los como ferramenta para compreensão do espaço urbano e seus desdobramentos, abordar temas contidos na obra literária supracitada pois nos revela elementos contidos e experienciados na vida das populações excluídas, como por exemplo a noção de pobreza provenientes da segregação. Sobre este ponto, temos no romance

“Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era complicado!” (EVARISTO, 2017, p. 17).

Entretanto, observamos que a busca por mudança, deslocamento na/da situação de subalternização, ocorre na personagem narradora, que vê a educação como possibilidade de mudança desta situação de vida. Inspirada na leitura e na narração oral realizada por membros de sua família, e mesmo diante de tantas dificuldades na favela e no ambiente escolar, a menina não se deixa desanimar e observa que nos comportamentos de Negro Alírio, como se fosse o profeta que a favela precisava naquele momento, oportunidades de permanência de estudos não apenas para ela, mas também para as outras crianças, *era preciso um documento que garantisse a matrícula das crianças em outras escolas. Esta era a preocupação maior de Negro Alírio.* (EVARISTO, 2017, p. 146).



Como crianças e adolescentes podem obter sucesso na idade de carreira escolar se vivem em condições complexas de processos de moradia/remoção? A situação de pobreza ou, melhor dizendo, a falta de mecanismos para obtenção de recursos na sociedade promovida pelos diferentes atores sociais, proporcionam esta situação de exclusão do sistema educacional, que pode influenciar, inculcar pensamentos negativos na subjetividade e formas de ler e perceber o mundo na mente e corpo dos próprios indivíduos e grupos excluídos.

As formas de poder e dominação estruturantes da sociedade estabelecem infinitas formas de se reinventar de forma a manterem seus princípios de classificação que ordenam e regulam comportamentos e relações sociais, que estão diretamente vinculados aos processos de ensino-aprendizagem na geografia, portanto, *revelar estas espacialidades é tarefa da Geografia*. (SANTOS, 2012, p. 38).

Para continuidade do debate, destacaremos neste momento alguns pontos que retratam o cotidiano e as diferentes situações às quais está exposta a população negra em situação de vulnerabilidade, mas que, entretanto, de forma sutil e ao mesmo tempo escancarada, a autora nos narra de modo envolvente

i) o desmonte:

Um terreno, que antes era reconhecível até de olhos fechados, de um momento para o outro perdera todas as suas características. Perdera todo o tortuoso relevo. Os becos onde saltavam tantas vidas desapareceram como se nunca houvessem existido. (p. 179).

ii) chuvas e deslizamento de casas:

A chuva persistia e acabava por amolecer as paredes do barraco que, no entanto, iam resistindo por teimosia até o momento em que não aguentavam mais. Às vezes, rachavam primeiro, denunciando fraqueza, outras vezes não, caíam rápido e de repente. E quando ouvíamos um barulho, surdo, seco, apurávamos os ouvidos esperando gritos de dores humanas. Alguns ficavam soterrados, principalmente velhos e crianças. (p.140).

iii) a escola:

Algumas crianças levantavam e tomavam o rumo da escola. Poucos, muito poucos, iam todos os dias. A escola os inibia. Bom, na escola, era a merenda que a gente comia. (p. 168).

iv) a desinformação sobre o real processo de remoção:

O plano de desfavelamento também aborrecia e confundia a todos. Havia um ano que a coisa estava acontecendo. A favela era grande e

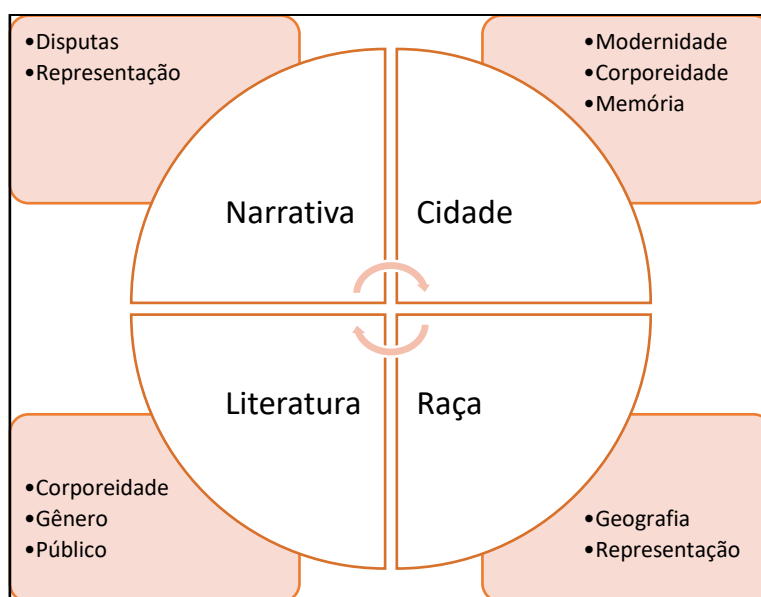


haveria de durar muito mais. Dava a impressão de quem nem eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez. As famílias estavam mudando havia um ano, mas tempo antes, já havia a ameaça de que tudo iria acontecer. (p. 116).

Tantos outros pontos haveriam, como por exemplo o apanhado cultural que o texto carrega ao abordar as festas de Folia de Reis e da Congada, vivenciados por alguns personagens no romance. A questão do alcoolismo também é muito marcante, pois os homens negros desempregados, os chamados “vadios”, viviam nos botecos para esquecer-se da situação em viviam e que tinham família para sustentar. E os outros que eram empregados e operários também gastavam o pouco que tinham na bebida, que historicamente é uma das marcas do sistema colonial. As doenças causadas pelas condições de saneamento e de material com que se construía os barracos e as pessoas com deficiência na falta de mobilidade dentro da casa e de locomoção quase que impossível entre os becos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho é fruto de pesquisa que se encontra em estágio de desenvolvimento, entretanto, o percurso de estruturação, as dimensões e discussões teórico-metodológicas sobre cidade, narrativa e representação, a partir de análises e pesquisas elaboradas até o momento, nos dão suporte para continuar e avançar com a proposta.



Fonte: esquema elaborado pela autora, Outubro de 2021.



O gráfico acima nos elucidava que as escolhas pelos caminhos traçados até o momento nos ajudam a compreender as interrelações entre a narrativa da geografia e da literatura, o quanto os temas abordados pela autora apresentam elementos geográficos que estão presentes nas discussões sobre a cidade, principalmente sobre a questão racial e relação da cidade para com as mulheres negras.

Entretanto o desenvolvimento da pesquisa tende a se aprofundar também nas discussões sobre representação e corporeidade na cidade. Buscando relacionar com as disputas de narrativas que se apresentam na cidade e de que maneira estas ligações de apropriação e dominação estão expostas nessas formas de produção da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço no qual está dispersa a população negra, mais vulnerável e pobre, é um ambiente marcado por um conjunto complexo de relações sociais que exploram e ultrapassam a memória e identidade. A geografia e a literatura possuem e devem buscar um diálogo na explanação de conteúdos que valorizem as particularidades, o sentimento de pertencimento, de construções subjetivas que se dão nestes espaços, propondo um olhar crítico acerca das formas como se constroem ou como se desestruturam as relações entre centro e periferia, as narrativas que estão postas na cidade, no ensino e no campo literário. De maneira que possa salientar com mais firmeza as experiências, as narrativas e as produções literárias desenvolvidas por mulheres negras neste contexto.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados** V.17 (49), 2003.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERNANDES, Felipe Moura. **Tristes fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão e litoral**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana. São Paulo, 2017.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, Literatura afro-brasileira: Como responder à polêmica? In: **Literatura afro-brasileira** / organização Forentina Souza,



Maria Nazaré Lima. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03** / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (Coleção Educação para todos).

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios á multiterritorialidade**. Porto Alegre, Setembro de 2004.

MARANDOLA, Janaina A.M.Silva. O geógrafo e o romance: aproximações com a cidade. **Revista de Geografia**, Rio Claro, v. 31, n. 1, p, 61-81, jan. /abr. 2006.

MUNANGA, Kabenguele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

NASCIMENTO, Denise Aparecida. **Espaço e heterotopias nas obras de Conceição Evaristo e Geni Guimarães**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2014.

QUEIROZ, Ana Maria Martins. **Geo-grafias insurgentes: corpo e espaço nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da memória de Conceição Evaristo**. 2017. 203 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos. Sobre espacialidades das relações sociais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: **Questões urbanas e racismo**. Rio de Janeiro: DP ET ALLI & Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012.

SILVA, Adriana Carvalho. **O Rio de Janeiro em Dom Casmurro: literatura como representação do espaço**. Universidade Federal Fluminense 2012.